

## Entrevista: **Signos de Nordestinidade no Cinema Brasileiro**

Ingryd Hayara dos Santos<sup>1</sup>  
Andréa Cristiana Santos<sup>2</sup>

Ao longo do século XX, a região Nordeste passou por um processo de definição da identidade que se perpetuou no imaginário popular. O cinema e a literatura ajudaram a disseminar a representação de uma região associada à condição de atraso, no qual a paisagem sertaneja com os períodos de longa estiagem e seca passa a definir características das pessoas que habitam, bem como a construção de outros estereótipos.

Doutora em Mídias e docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Carla Conceição da Silva Paiva estuda a contribuição do audiovisual brasileiro em construir, ao longo das décadas, estas representações que perpetuam uma visão segmentada da região Nordeste. Nos últimos 10 anos, o grupo de pesquisa analisou obras cinematográficas e verificou a existência de signos de nordestinidade para se referir a um conjunto de ações, atitudes, símbolos, tais como a violência, a paisagem sertaneja representada pela seca e a forte presença da religiosidade, fincada entre o candomblé e a presença das rezadeiras, como representações da região e do povo nordestino. Através desses signos, existe uma perpetuação de uma imagem estereotipada vinculada aos aspectos negativos ou fantasiosos associados à região e ao nordestino. Em entrevista a ComSertões, a professora explica como o cinema consolidou parte dessas representações cujas influências estão presentes em outras áreas, como o jornalismo.

### **Revista ComSertões: Em suas pesquisas, o termo “nordestinidade” é sempre presente. O que você define como “nordestinidade”?**

Carla Paiva: Costumo definir “nordestinidade” como um conjunto de ações, atitudes, símbolos e signos que representem o povo nordestino de uma forma geral. Esses aspectos, normalmente, são apresentados na cultura, especificamente no cinema, onde

---

<sup>1</sup> Graduanda em Jornalismo em Mídias pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: [ingryd.hayaracs@gmail.com](mailto:ingryd.hayaracs@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora da Universidade do Estado da Bahia e coordenadora do projeto Agência MultiCiências. E-mail: [andcsantos@uneb.br](mailto:andcsantos@uneb.br)

trabalho, através de um olhar estereotipado e segmentado. Foca em uma ideia que se tem sobre o sertão em oposição ao litoral. Eu amplio essa discussão sobre os signos de nordestinidade para outros espaços, para fazer outros tipos de leitura, como a força da mulher nordestina.

**Revista ComSertões: Qual o papel da ficção cinematográfica, no Brasil, para a construção de um imaginário coletivo sobre o Nordeste?**

Carla Paiva: A ficção cinematográfica no Brasil serviu, ao lado da literatura, para segmentar no campo da cultura uma imagem sobre o Nordeste. Essa imagem é tão forte que ela vem, constantemente, sendo perpetuada. Às vezes, a gente cai no equívoco do próprio nordestino se enxergar dessa forma e negar outras possibilidades de identidades que existem nesse espaço. Percebemos que, no campo do jornalismo, principalmente no telejornalismo, a influência do cinema é total. Se formos observar algumas imagens cinematográficas de filmes de ficção feitos na década de 1960, produzidos por Glauber Rocha e o Nelson Pereira dos Santos, são imagens que até hoje servem para ilustrar algumas matérias, quando se referem a questão do Nordeste e, especificamente, sobre o espaço do Semiárido. Um exemplo recente foi uma série de reportagens da Rede Globo sobre *O Quinze*, inspirado no livro de Rachel de Queiroz, que se reportava aos cem anos do que seria a última grande seca. Se formos pegar essas imagens, são muito parecidas com as imagens feitas no filme, inspirado em *O Quinze* (2004) e em outros filmes como *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964) e *Guerra de Canudos* (1996).

**Revista ComSertões: Ao longo de sua pesquisa, quais os signos de nordestinidade mais recorrentes no cinema brasileiro? Que influências possuem para reafirmar o imaginário popular acerca do Nordeste?**

Carla Paiva: Durante a pesquisa, chegamos a catalogar 14 signos de nordestinidade. Os mais recorrentes são: a violência, associado a uma forma de conduta do nordestino; a paisagem sertaneja, a natureza colocada sempre como inóspita, rude e que acaba por produzir pessoas dessa forma; o cangaço, a religiosidade, fincada entre o candomblé e a presença das rezadeiras; a questão do migrante, o retirante, por se ter a construção da ideia do Nordeste com um local de passagem, onde as pessoas não tem a possibilidade de se fincarem; o vaqueiro, no qual se tem a influência de Euclides da Cunha, entre outros. Essas influências sobre o Nordeste surgiram a partir da década de 1910 e 1920, com uma rediscussão do espaço geográfico brasileiro que, até então, era dividido em

Província do Norte e Província do Sul. Dessa forma, as configurações que compunham a Província do Norte se juntaram e teceram elementos para fazer uma nova discussão geográfica do Brasil para conseguir verbas, o que hoje chamaríamos de políticas públicas. A partir desse movimento, o Brasil foi distribuído na forma geográfica e o Nordeste que conhecemos hoje. As próprias oligarquias locais pegaram a ideia da seca como forma de captar recursos do governo federal para enriquecer. Eles trabalharam a ideia da seca através da cultura. Parte da oligarquia fomentava a produção de livros. Inclusive, existiu um movimento que tomou corpo frente a Semana de Arte Moderna, o grupo regionalista de 1930, que tinha como alguns participantes Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Jorge Amado que começaram a fazer uma literatura mais específica sobre o Nordeste com a intenção de valorizar a região, mas, de certa forma, as questões trazidas por eles serviram como discurso político que acabou sendo passado e fortalecido pela mídia. Dessa forma, acabou se tornando uma visão cristalizada. É preciso ter cuidado ao converter uma representação quando está consolidada. É por isso que escolhi estudar através das ideias de representações sociais, por fazer a discussão de como essas identidades são organizadas para serem perpetuadas.

### **Revista ComSertões: A década de 1930 é marcada com o surgimento dos primeiros filmes sobre a temática nordestina. O que mudou desde então?**

Carla Paiva: Desde a década de 30 algumas coisas mudaram. Na verdade, podemos dividir em várias fases. A primeira fase, a de 30, tem uma ideia de um Nordeste mais romântico, que comunga com a ideia de Euclides da Cunha de que o nordestino não é um degenerado porque ele não passou pelos mesmos processos migratórios que o litoral do Brasil. Então, ele não estaria corrompido pela formação do homem branco e europeu, seria uma atípica representação brasileira. Após esse período há um intervalo que é retomado na década de 60, com o Cinema Novo, que vem fazer uma discussão política sobre o espaço do Nordeste. O Cinema Novo surge para declarar o abandono que essa região vivia, declarar que a situação da região era devido às suas condições naturais, mas pelo o abandono do Estado que não se faz presente. Houve um hiato na década de 70, muito por conta da ditadura militar no país, na qual os filmes eram voltados para outras vertentes. Na década de 80, o Nordeste se consolida novamente no cenário cinematográfico como uma espécie de metáfora. Servirá como metáfora política para se discutir através da questão do cangaço. Além disso, discute algumas questões de dominação e autoridade da ditadura militar, mas se mostra novamente o Nordeste como

um problema porque se mostra a presença do nordestino em espaços como São Paulo e Rio de Janeiro. Na década de 90, passa-se por um novo hiato que se encerra no fim dessa década. Nessa retomada do cinema brasileiro, aparece um dos filmes de maior sucesso, *Central do Brasil* (1998), que traz a temática do Nordeste. Mas, nessa produção, aparece um movimento diferente do qual era colocado na década de 60 e 80. Dessa vez, o Nordeste vem com uma ideia de resgatar a identidade brasileira através da valorização da identidade nordestina. Então, não é por acaso que filmes como *Central do Brasil* começam no Rio de Janeiro e acabam no Nordeste, revelando um processo migratório contrário. Chegando aos anos 2000, existe uma divisão em relação a representação da região. Ainda permanece um pouco do Nordeste que é pautado em estereótipos como, recentemente, tivemos o filme *Reza a lenda* (2013), mas também existe a produção de outros cinemas como, por exemplo, a cena cinematográfica pernambucana que representa um Nordeste contemporâneo e que discute outras questões sociais como raça, gênero, faixa etária.

**Revista ComSertões: Por muitas vezes, notamos a presença de uma dicotomia em torno da representação do nordestino. Por vezes, é um homem castigado e sofrido, por outras, representa a face do homem forte e corajoso. Como você explica isso?**

Carla Paiva: Acredito que essa dicotomia, mais do que nunca, está ancorada em uma leitura equivocada que as pessoas fizeram sobre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O capítulo dois, em que o autor fala sobre o homem, inicia com a discussão que o nordestino, antes de tudo, é um forte. A partir disso, ele expõe essa dicotomia, colocando o homem nordestino como um desengonçado, desajeitado, que possui a cabeça grande e não consegue raciocinar, mas, apesar disso, é forte e imponente. Então, essa dicotomia está muito fincada a leitura equivocada que as pessoas fizeram sobre o que Euclides da Cunha escreveu, pois ele expõe dois lados do nordestino: uma fraqueza física e uma força moral.

**Revista ComSertões: A região Nordeste tem sido pautada recentemente pela mídia através de novelas como *Velho Chico* e filmes que são produzidos na região, como esse processo de midiaticização contribui para construir novas referências sobre o Nordeste, que não seja a de uma visão estigmatizada?**

Carla Paiva: Eu possuo dúvidas em relação a isso. Mesmo quando o Nordeste aparece nas novelas é acompanhado com as ideias de atraso, tradição, passado e, por muitas

vezes, concepção de fábula. A maior parte das novelas que retrata a região são, a grosso modo, colocados como novelas de época. Possuem um vestuário, iluminação, mobílias e locações específicas, ainda ancoradas na ideia de um Nordeste que já não existe, mas continua presente no imaginário das pessoas. Assim, compreendo que o fato do Nordeste aparecer nessas produções deve ser olhado com criticidade, pois o fato da região estar pautada pela mídia não significa que está sendo feito de forma correta. Já no telejornalismo, normalmente, é atribuída a ideia de ser um lugar ruim, predominando notícias com teor negativo. Quando as notícias são positivas, prevalece um ar de “sobrenatural”.

**Revista ComSertões: O grupo de pesquisa analisou a presença feminina em produções audiovisuais. Quais foram as caracterizações mais recorrentes das mulheres nordestinas?**

Carla Paiva: Quando comecei a fazer os estudos sobre representações sociais, eu tive acesso aos filmes da década de 60, em diante. Observei que nas produções audiovisuais da década de 60 e 70, as mulheres representavam poucos personagens e, quando apareciam, era como coadjuvantes e possuíam poucas falas. A única exceção foi *Dona Flor e seus dois maridos*, na década de 70. Já nos anos 80, acontece uma virada neste cenário. Começam a ser feitos os primeiros filmes sobre Nordeste em que as mulheres aparecem como protagonistas, entre eles: *Gabriela (1983)*, *Parahyba, mulher-macho (1983)*; *A Hora da estrela (1985)* e *Luzia-Homem (1987)*. Durante a análise desses filmes, localizei alguns pontos que possuem ligação com o movimento feminista. Desde então, observei que as mulheres vieram ganhando espaço nesse cenário. Dos anos 2000 até hoje, elas viraram realmente protagonistas. Os filmes que essas mulheres aparecem são produções que trazem outras questões existenciais, ultrapassando a convivência homem-mulher, por exemplo: *Amarelo Manga (2002)*, *Deserto Feliz (2007)*, *Verônica (2008)* e, recentemente, *Que horas ela volta? (2016)* que traz uma série de discussões político-sociais que antigamente não eram pautadas. Nesse último filme, por exemplo, começa a se discutir gênero e classe.

**Revista ComSertões: Além das produções que possuem o Nordeste como cenário principal, é recorrente em ficções cinematográficas e na televisão a presença de personagens nordestinos associada a papéis cômicos. Como se construiu essa identidade social?**

Carla Paiva: Se formos analisar os filmes brasileiros feitos sobre o Nordeste na década de 80, grande parte foram feitos com esse teor de comicidade e comédia. Não por acaso, pois o cinema brasileiro dessa década vivia sob a égide da ditadura militar e, diante disso, alguns artistas se utilizavam do humor como uma vertente para tratar de assuntos que, aparentemente, seriam delicados. Nessa época, surgiram *O Cangaceiro Trapalhão* (1983), *O Baiano Fantasma* (1984), entre outros filmes. Acredito que houve algum tipo de herança em relação a isso. Para alguns nordestinos, isso se apresentou como um “trampolim”, o humor foi uma forma que eles tiveram para adentrar no campo do cinema, se cristalizando até os dias atuais. Entretanto, existe outra leitura necessária para se fazer. O humor tende, muitas vezes, a trabalhar os “diferentes” e o faz de uma forma bem velada, mas preconceituosa. Assim, existe um flerte com as identidades das minorias que podem perpetuar atitudes preconceituosas.

**Revista ComSertões: Apesar da diversidade, é recorrente em produções audiovisuais relatarem a região Nordeste e seus indivíduos com uma pluralidade delimitada, formando um único bloco linguístico e cultural. Quais são os resultados da difusão dessa visão pré-julgada?**

Carla Paiva: Antes de tudo, é preciso esclarecer que essa tendência que se tem sobre o Nordeste não é exclusiva. Existe tendência sobre tudo. Somos criados em uma sociedade que rotula as coisas. Temos a necessidade de dimensionar, de rotular, de caracterizar certas coisas. Entretanto, é preciso ter cuidado e procurar respeitar a diversidade para que não as torne fechadas e binárias. O resultado da difusão dessa visão estigmatizada é a cristalização de uma identidade nordestina pautada no subdesenvolvimento, na pobreza, no abandono, nas impossibilidades educacionais, econômicas, políticas, sociais e religiosas.